

Me alugo para olhar

(conto)

“— Em termos concretos — perguntei no fim —, o que ela fazia?
— Nada — respondeu ele, com certo desencanto. — Sonhava.”

Gabriel García Márquez

Fotografo e contemplo a centenária São Paulo que comemora seus 450 anos. Do Belenzinho parto em direção à zona oeste: Brás, República... o ônibus continua seu trajeto diário, sobe a Augusta e quando cruza a Paulista, alguma coisa acontece. Sinto um aperto. É a mão de Leonardo. Descemos depressa, os faróis já vão abrir. Nas calçadas, caminhamos devagar, ao contrário de outros tempos, quando Leo andava correndo para chegar nas aulas todos os dias, lá na USP, sozinho em meio à multidão de um mundo inteiro que busca novos caminhos.

Conheci muito de São Paulo: entusiasmado por chegar pela primeira vez na capital, Leo me levava por toda parte – Ibirapuera, Vila Madalena, Pinheiros, Ipiranga. Chegamos uma vez até o Embu das Artes. Depois fiquei vários anos sozinho, sonhando com o antes e o agora. Queria passear de novo pelos Jardins e parques, pela Paulista e pela Luz, pelo Memorial e pela luminosa Catedral da Sé. Algumas vezes, saímos do terminal Tietê e fomos para outras cidades, e de Guarulhos, para outros mundos.

Meu sonho de rever a cidade antropofágica onde moro nunca se apagou: ouvi dizer várias vezes que muitas casas de São Paulo foram devoradas por arranha-céus. Depois de tantos anos trancada

em casa, Leo levou-me para a Paulista. Caminhamos pela avenida, prédio por prédio, lentamente, em cliques de olhares amorosos. Miramos juntos cada lugar frequentado em outras épocas: o Conjunto Nacional, a Galeria do Sesi, o Parque Trianon, o Masp. Quantos livros, filmes e exposições de arte!

Foram décadas de trajetória e ritmo quase idênticos, traçados diariamente com os mesmos gestos: passava pelas ruas sem perceber a existência das casas antigas e dos arranha-céus modernos, a movimentada agitação da vida. Hoje Leo caminha sem pressa, buscando enquadrar suas vivências visuais através do meu olhar. Sinto-me tão viva quanto a capital paulista, com seus emaranhados de arquitetura e gente. Eu, uma antiga máquina fotográfica.

Cristiane Grando (FFLCH-Letras Francês/Português)

Elias: singular ou plural?

(crônica)

Abril de 2010. Em plena correria, me divido entre atividades e deveres como diretora do Centro Cultural Brasil-República Dominicana (CCB) e coordenadora do estande do Brasil na XIII Feira Internacional do Livro de São Domingos (FIL).

É o quarto ano que participo desta feira de livros. Em anos anteriores, muitas crianças me abordavam, no estande do Brasil, para fazer perguntas sobre o meu país; muitas vezes, sobre o país homenageado na feira. Em 2007, foi a Colômbia; 2008, a Associação de Estados do Caribe (ACS); 2009, Brasil e 2010, México.

Nos dois primeiros anos, o CCB não existia e, no terceiro, acabava de ser inaugurado – o que me permitia estar na FIL de 10 a 22 horas, quase todos os dias. Em 2010, não tendo mais essa disponibilidade, o CCB contou com a ajuda de dois estudantes do curso *Língua Portuguesa e Cultura Brasileira*: Milca Palma, bolsista do Ministério de Educação Superior, Ciência e Tecnologia (MEESCyT, antiga SEESCyT), e Elias Sandy.

Antes de narrar alguns fatos de 2010, há três histórias, de anos anteriores, que me chamam muito a atenção.

1. Todas as vezes que uma criança olha para mim, com uma carinha entre espantada e maravilhada, mas demonstrando incredulidade: *Você éééééééé brasileira?* Ou quando pergunta, ao ver que estou falando português: *Você fala brasileiro?*
2. Quando uma menina pequenina se acerca e me pergunta, a mim que nem sou mãe (ao menos por enquanto): *Como se chama a*

sua filha? Imagino que a pequena tenha interesse em ampliar seu círculo de amiguinhos, não é?

3. Em 2008, uma menina de aproximadamente oito anos se aproxima, acompanhada de sua mãe. Eu lhe pergunto: *Como você se chama?* _ *Brasil* – ela responde. Penso: deve ter lido o nome do Brasil no estande. Então repito a pergunta: *Qual é o seu nome?* _ *Brasil*, me responde novamente. Olho perplexa para a sua mãe – e mais perplexa e orgulhosa me sinto quando a mãe da menina confirma: *Sim, ela se chama Channel Brasil. Quando eu estava grávida, seu pai trabalhava temporariamente no Brasil e contava histórias tão lindas de seu país... por isso decidi: quando minha filha nascer, se chamará Brasil.*

Vale lembrar que o Brasil, na República Dominicana, é visto como um país maravilhoso a ponto de muitas pessoas afirmarem que seu maior sonho é conhecê-lo antes de morrer. Novelas, carnaval, samba, música, cinema, praias (sem esquecer a *Garota de Ipanema*, é claro), capoeira, futebol (o Pelé...), a Amazônia, o presidente Lula são todos ícones que representam, com uma imagem bastante positiva, o nosso país entre os dominicanos. Cada vez mais, o Centro Cultural Brasil, com sua biblioteca em português e as centenas de estudantes que pretendem fazer pós-graduação principalmente em São Paulo e Rio, o Brasil começa a ser visto com o olhar atraído pelas universidades brasileiras. A educação superior, ciência e tecnologia de ponta, a pesquisa, o fato de ter duas universidades que são consideradas entre as 100 melhores do mundo – a USP e a Unicamp – fazem do Brasil hoje um país atrativo pela qualidade do sistema superior de educação.

Voltemos a abril de 2010. Vivemos uma semana de intensa alegria, nos primeiros dias da feira, ao receber a doce e amada Paloma Jorge Amado, quem ministrou duas conferências sobre a culinária, a vida e a obra de seu pai, o escritor brasileiro Jorge Amado (1912-2001). Me inspirou tanto amor o seu ser, que me veio, nos primeiros dias que a conheci, um verso: amada, amada, amada Paloma... que acabou se transformando em um poema intitulado “ser amor”.

No corre-corre da vida cotidiana, recebo uma chamada telefônica do nosso assistente Elias, informando que os mapas do Brasil, para distribuição entre estudantes na FIL, acabaram. Consigo mais 500 cópias de mapas. Digito no celular *Contatos* e encontro *Elias celular*. Ele atende e digo que estarei, uma hora mais tarde, no Pavilhão de Autores Dominicanos, assistindo a uma conferência do poeta mexicano León Plascencia Ñol. Peço se ele pode passar para buscá-los. Raro o fato de Elias não comparecer (ele que vinha se mostrando tão responsável), mas, por coincidência, encontro na conferência um amigo, também de nome Elias. Ele se senta ao meu lado e, no final, oferece ajuda para carregar o pacote com os mapas, enquanto eu falo com o conferencista. Depois, gentilmente oferece se quer que deixe o pacote no estande do Brasil... Penso: *Que maravilha, o Universo se encarregou de fazer a tarefa necessária!* Eu estava com pouco tempo para passar no estande do Brasil porque pretendia seguir conversando com alguns jovens dominicanos interessados em discutir com o Plascencia Ñol os temas por ele propostos. Agradeço, e muitíssimo, a gentileza do meu amigo Elias.

No dia seguinte, quando encontro o Elias Sandy no CCB, pergunto: o que aconteceu ontem, Elias, você não entendeu o que eu lhe pedi por celular? Ele faz uma cara um tanto desajeitada... Fico pensando em hipóteses para explicar o porquê da ausência do Elias para atender o meu pedido: talvez, com o barulho excessivo da feira, ele não tivesse entendido o meu pedido; talvez ele não quisesse deixar o estande sozinho; talvez tivesse chegado atrasado naquele dia, afinal, o horário que eu pedi o favor coincidia com o início de seu horário de trabalho... Quando a situação se repete – digito em meu celular: *registro, chamadas recebidas, Elias*, que tinha me telefonado no dia anterior. Peço que ele passe pelo Pavilhão do Ministério da Educação, para retirar outros tantos mapas do Brasil, pois o pacote estava pesado. Por via das dúvidas, digo: *Elias, peça, por favor, para as meninas do estande do Equador, que olhem por 10 minutos o nosso estande e venha buscar os mapas, etcétera, etcétera, etcétera*. Desta vez sim, Elias chegou rapidíssimo, como de costume. Eu lhe agradeço, como de costume.

Decidimos desmontar o nosso estande na última noite da feira. O horário de encontro era às 20h30m, horário que o Museu do Homem Dominicano, onde estávamos instalados, já estivesse fechado ao público. Sendo o último dia da feira, o museu fechou mais cedo que de costume. Milca e eu terminamos, mais cedo do que o combinado com o Elias, de empacotar os livros e de retirar os cartazes em homenagem ao escritor brasileiro Jorge Amado, a quem estava dedicado o estande da Embaixada do Brasil e do Centro Cultural Brasil-República Dominicana.

Digito no celular *Contatos* e encontro *Elias celular*. Ele atende: *Estou na Calle El Conde* (a única rua *peatonal* da cidade colonial de São

Domingos). *Chego em 20 minutos*. Realmente chega rápido, mas, às 20h20m, quem chega é o meu amigo Elias... Engulo em seco... Pinto minha cara com uma máscara de vergonha, para poder esconder-me... Às 20h30, tal como o combinado, chega o estudante do CCB, o Elias Sandy, que também passa a ser meu amigo, assim como a Milca, depois de 18 dias de trabalho bem realizado. Elias no plural carregam, juntos, um móvel pesado que tínhamos no estande... Um só Elias dificilmente conseguiria levar tantas gavetas e papéis ao mesmo tempo... O Universo sabia que nós precisaríamos de dois... Elias.

Morremos de rir, os quatro, quando percebemos a confusão do registro em meu celular. Revisei, para evitar futuras confusões, os nomes de Elias Sandy e Elias Sánchez em meu celular. Confusão maior seria se, no dia seguinte, quando telefonei para o Elias vir buscar o pagamento pelo seu trabalho na feira do livro, tivesse chamado o Elias Sánchez (com certeza ele não se importaria de ser confundido pela terceira vez com o Sandy!).

Terminamos a noite brindando as brilhantes confusões, a alegria, a solidariedade, o amor entre dominicanos e brasileiros, a amizade. Estamos numa varanda do CCB – o Espaço Chico Buarque, que já acolheu, em outros momentos, festas com música brasileira ao vivo, na voz e violão do compositor dominicano Leo Cordero. Na varanda, com um ventinho bem fresco para apagar da memória qualquer resquício de mal-estar pelo calor sufocante dos últimos dias. Na varanda, o vento e quatro taças de vinho tinto.

Cristiane Grando (FFLCH-Letras Francês/Português)

Des-Encontros?

(crônica)

Per-seguidora da obra de Hilda Hilst, recebo frequentemente e-mails de seus admiradores e de muitos estudiosos. Enquanto não conheço pessoalmente quem dialoga comigo por internet, confundo nomes, cidades, tema do projeto, universidade. Tento gravar essas informações mínimas, mas, como tenho boa memória visual, só memorizo esses dados básicos, sem confundi-los, quando conheço pessoalmente cada um dos pesquisadores. Há alguns meses, talvez quase um ano, recebo um e-mail de uma moça contando-me de seu desejo de realizar um projeto de mestrado sobre a poesia de Hilda Hilst. Seu nome: Geruza. Recebeu minhas palavras de incentivo como resposta a um primeiro contato. Continuamos nos falando por e-mail.

18 de março de 2005 foi uma noite especial. Acontecia, no SESC-Pinheiros, em São Paulo, o terceiro encontro do evento *Palavra Viva: Hilda Hilst*, organizado por Beatriz Azevedo e Sabrina Greve. Para mim, uma noite deslumbrante. Conheci pessoalmente a atriz Iara Jamra e a professora Eliane Robert Moraes, cujos trabalhos me seduziam mesmo antes de conhecê-las. Juntas, tecemos uma noite sobre *O caderno rosa de Lori Lamby*; entre as obras de Hilda Hilst, a que parece gerar maior polêmica. (Poucos leitores percebem a genialidade de *O caderno rosa*: chocados com a linguagem erótica, bloqueados num nível superficial de entendimento, não se permitem ler o texto com um olhar mais profundo. Mas vale lembrar que há

leitores que enxergam muito além: o crítico Jorge Coli, por exemplo, considera Lori uma personagem “inesquecível” – “nestes tempos de diabolização do sexo e da sacralização da infância, Lori Lamby é uma bênção!”; o jornalista Everaldo Fioravante valoriza a complexidade da linguagem e das críticas que permeia essa obra de Hilda Hilst. Fecho parênteses deixando para o leitor a possível curiosidade de ler *O caderno rosa de Lori Lamby* e o desejo de buscar compreendê-lo em seu contexto.) No final do debate com Lara Jamra, Eliane Robert e o público, num gesto informal, algumas pessoas interessadas na obra hilstiana subiram ao palco para conversar conosco. Transbordando de alegria e de uma luz especial que nos envolveu naquela noite, recebi o amigo até então virtual, o advogado Pedro Motta; um grupo do Mackenzie que iniciava um Trabalho de Conclusão de Curso sobre Hilda Hilst no curso de Jornalismo; minha família – o poeta-artista visual Leo Lobos, tio Quime, tia Rose, os primos-atores Renata Flaiban e Fabiano Assis, a Vanda, a Paulinha, o Vinícius. Todos muito empolgados com o debate sobre *O caderno rosa*. Outra presença marcante naquela noite foi uma estudante de mestrado da PUC–São Paulo, que se apresentou como Ana Paula, falou-me um pouco de seu projeto sobre a obra de Hilda Hilst e me disse que tinha uma colega, também da PUC, que fazia mestrado sobre a poesia hilstiana: Geruza. *Ah, a Geruza?* – exclamei toda contente. *A gente troca e-mails! Você pode levar um livro de presente pra ela?* Naquela noite presenteei algumas pessoas com o meu livro de poemas *Caminantes*.

Em março de 2005, Geruza solicita por e-mail um encontro no Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulalio” (CEDAE-IEL-UNICAMP), onde se conserva grande parte dos manuscritos

hilstianos. O encontro aconteceu particularmente na exposição *O Caderno Rosa de Hilda Hilst*, da qual fui curadora. Depois de alguns minutos de conversa, pergunto: *Você recebeu meu livro?* Ela não entende nada. Explico-lhe que conheci uma colega sua, que fez algumas disciplinas de mestrado... Geruza me diz que não frequenta a PUC e que está cursando as últimas disciplinas da graduação em Letras na cidade de Americana. Tenho certeza que havia enviado um livro para a Geruza... sim, esse era o nome. Fico *besta*, como diria Hilda Hilst.

Em abril, recebo um convite da Prof.^a Dr.^a Maria Rosa Duarte de Oliveira, da PUC-São Paulo, para participar de uma banca de qualificação de mestrado sobre a poesia de Hilda Hilst, ao lado da Prof.^a Dr.^a Vera Bastazin. Com todo o prazer, aceito o convite. Poucos dias depois, recebo um e-mail da Geruza, feliz da vida porque aceitei participar de sua banca. Eis que me é oferecida a última peça do quebra-cabeça: existia de fato outra Geruza estudiosa da obra de Hilda Hilst! A Geruza de Americana, logo em seguida, recebeu um e-mail meu, contando a anedota. Morremos de rir, por e-mail! Um nome tão raro duplicado: duas Geruzas! Até parece dialogar-se com o duplo hilstiano. O duplo que se faz uno. Dois projetos de pesquisa. Múltiplos projetos e um só desejo: o de comunicar-se com o outro. Nos versos de Hilda Hilst, o duplo e o uno ganham múltiplas formas: “Fui *pássaro e onça/ Criança e mulher.*”... *pássaro-criança, onça-mulher*; “Montado sobre as vacas/ *Meu duplo e eu.*”; “Sonhei que te cavalgava, *leão-rei.*”; “Em *vida, morte, te sei*”; “Juntas. *Tu e eu. / Duas adagas / Cortando o mesmo céu. / Dois cascos / Sofrendo as águas. // E as mesmas perguntas. // Juntas. Duas naves / Números / Dois rumos / À procura de um deus. // E as mesmas perguntas / No*

sempre / No pasmoso instante. // Ah, *duas gargantas / Dois gritos / O mesmo urro / De vida, morte. // Dois cortes. / Duas façanhas. / E uma só pessoa.*” – Hilda Hilst (versos da obra *Da morte. Odes mínimas*).

Texto escrito numa manhã de sexta-feira, 13 de maio de 2005, e revisado algumas vezes antes de ser lido na defesa de qualificação da Geruza da PUC. Crônica dedicada à Geruza Martins, Geruza Zelnys de Almeida, Ana Paula Oliveira Pereira, Maria Rosa Duarte de Oliveira e Vera Bastazin.

Cristiane Grando (FFLCH-Letras Francês/Português)

Des-Encontros?

Parte II (crônica)

Para Geruza Zelnys de Almeida:

“Guardo-vos, Iluminadas

Recententes manhãs tão irreais no hoje

Como fazer nascer girassóis do topázio

E dos rubis, romãs.”

Amavisse. Hilda Hilst

25 de maio de 2005: me levanto às 5 da manhã para estar na PUC às 10 horas. Ao aproximar-me de São Paulo, encontro-me com o caos devido às chuvas da noite anterior – o rio Tietê não transbordava há três anos. Carros, ônibus e caminhões esperando para entrarem na cidade. Era preciso desligar o motor; o tráfico estava realmente parado. Começo a ficar preocupada, tento telefonar para o celular da professora Maria Rosa: caixa postal. Depois de várias tentativas, por volta das 9 horas, consigo me comunicar. Maria Rosa me tranquiliza: *a Geruza também está "presa" no trânsito*. Peço se ela poderia me passar o número do celular da Geruza... pensei em marcar um encontro na entrada de São Paulo para irmos juntas à PUC (se isso fosse possível em meio ao caos). Telefono para a Geruza e descubro que ela está num ônibus, perto de Osasco. Pela

lateral direita, consigo entrar na marginal pedagiada da Castelo Branco (quase ninguém a toma por ter de pagar pedágio)... que alívio! Ando alguns quilômetros, sempre procurando se encontrava algum ônibus Vale do Tietê. A partir do momento que começo a procurar a Geruza em meio ao trânsito, saio da monotonia: iniciou-se uma aventura naquele dia. Após alguns quilômetros na marginal pedagiada, encontro novamente um trânsito louco: tudo parado. Uns cinco carros na minha frente e um ônibus Vale do Tietê. Telefono para a Geruza novamente... ela me diz que tomou o ônibus em Porto Feliz. Tomo a pista da direita e consigo me aproximar. Pergunto ao motorista de que cidade ele vem: Tietê. Um pouco mais à frente, uns dez carros e mais um ônibus. Novamente pela direita chego até o ônibus e encontro uma moça na escada me esperando: Geruza. Ela vem para o carro e seguimos conversando algumas horas; o trânsito completamente parado. Decido entrar num bairro e não pegar as Marginais, porque estavam bloqueadas. Descemos para comer algo por volta das 12h30m e aí pedimos conselhos para algumas pessoas; descobrimos que não chegaríamos na PUC nem às 5 horas da tarde, novo horário para a defesa de qualificação de mestrado da Geruza. Telefonamos para a Maria Rosa para marcar nova data; estando tão perto da Raposo Tavares, poderíamos sair do caos e seguir para o interior. Telefono para o amigo Sergio Portela, de Sorocaba, que estava redigindo um projeto de mestrado sobre o teatro de Hilda Hilst e o convido para ir para Campinas conosco. Ele topa, afinal tínhamos de nos encontrar mesmo para discutir a primeira versão de seu projeto. Nos encontramos no Shopping Sorocaba, almoçamos e seguimos para Campinas os três. Geruza recebe telefonema de seu marido, Eric, jornalista e fotógrafo, que

queria saber como foi sua defesa (que não foi); ela fala de nossos novos planos e destino: Campinas.

Chegamos em Campinas por volta das 18 horas, seguindo diretamente para a exposição "O Caderno Rosa de Hilda Hilst". Fomos recebidos gentilmente por Cristiano Diniz, amigo e braço direito durante a pesquisa e montagem da exposição. Coincidência e sorte: encontramos o Prof. Dr. Eric Sabinson, que orienta atualmente Leandro Silva de Oliveira em seu projeto "Clausura e angústia na dramaturgia de Hilda Hilst". O professor Eric (o duplo hilstiano nos perseguindo...) conversa descontraído conosco. Ficamos os três encantados com a postura do professor: dinâmico e atencioso, Eric orientou-nos, explicando um pouco sobre o funcionamento da pós-graduação no IEL (Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP). Seguimos os três hilstianos para a palestra "A experiência do corpo", ministrada pelo Prof. Dr. Jorge Coli no Espaço Cultural da CPFL de Campinas. Brilhante, o crítico da arte Jorge Coli percorre a passagem do século XVIII para o XIX, chegando até o XXI, apresentando, em telão, reproduções de obras universais que vão sendo interpretadas em seu contexto histórico. Entre os muitos temas tratados, Coli enfatizou que é impossível introduzir a perfeição no mundo, como queriam os nazistas. Os nazistas queriam tornar perfeito um mundo que é imperfeito, desvalorizando as diferenças e a diversidade. E conclui: "o mestre do perfeito é o imperfeito"... estamos diante de nossos limites e fragilidades – ideia que o professor utiliza para encerrar a palestra e iniciar um debate. Coli toca numa questão fundamental para a nossa experiência contemporânea do corpo: somos frágeis e imperfeitos – o que é sempre bom lembrar, especialmente nessas épocas de bulimia e anorexia entre adolescentes.

No feriado do dia 26, Geruza, Sergio e eu trabalhamos o dia todo: revisão do projeto de mestrado do Sergio, revisão da defesa de qualificação da Geruza e discussão de um tema para seu projeto de doutorado. Passamos o dia lendo e discutindo a obra de Hilda Hilst, a poesia, as artes em geral. Lendo o mestrado da Geruza e ao mesmo tempo *Marcel Duchamp ou O Castelo da Pureza*, de Octavio Paz, e seguindo o desejo de Geruza de representar visualmente os movimentos da obra hilstiana, tenho um *insight*, que se confirma na palestra do professor Coli. Por que não investigar possíveis diálogos entre a obra hilstiana e as artes plásticas? O movimento e a multiplicidade, por exemplo, são características marcantes tanto na obra de Duchamp quanto de Hilda Hilst. Como lembrou Maria Rosa, em discussão posterior, analisar também as diferenças é essencial nesse caso, já que os artistas em questão elegeram materialidades diferentes para realizarem seus trabalhos: o desenho e a pintura (Duchamp); a palavra e a sonoridade da língua (Hilda Hilst). Mas vale lembrar que Duchamp utiliza a palavra para realizar seus projetos e dar títulos a suas obras e que Hilda Hilst também praticou o desenho, principalmente em seus manuscritos e, em alguns momentos, a pintura. Diálogos intersemióticos!

Por e-mail, Maria Rosa marca nova data para a defesa da Geruza: 2 de junho pela manhã, coincidindo gentilmente com a data da reunião do *Laboratório do Manuscrito Literário*, que acontece sempre na primeira quinta-feira do mês às 14h30 na FFLCH-USP, sob coordenação do Prof. Dr. Philippe Willemart, amigo e orientador há tantos anos. Convido a Geruza para me acompanhar. Philippe, no intervalo da reunião, conversa conosco e demonstra interesse em ler a dissertação de mestrado da Geruza, "A (meta)física poética em

Hilda Hilst”. A metafísica não está além da física; na obra de Hilda Hilst, encontra-se na física e na materialidade do poema. Philippe conta-nos que o filósofo francês Condillac, no século XVIII, defendia que a metafísica se revela na sensualidade, ou melhor, através dos processos sensoriais. Para Condillac, intelecto e sensações se entrelaçam na construção do conhecimento. Nesse mesmo sentido, Geruza mostra em seu trabalho que Hilda Hilst nos coloca diante do *pensar-sentir*.

Cristiane Grando (FFLCH-Letras Francês/Português)

Procura-me ali, viva

(crônica)

Chegamos à Casa do Sol numa sexta-feira, dia 4 de fevereiro de 2005, por volta das 15 horas. Entramos pelo portão de ferro, local onde Hilda Hilst costumava, no final das tardes, brincar com amigos de ver o limiar da vida. Olhava para fora do sítio, via o mato ao redor e dizia: "imaginem que estamos vendo o depois da morte". Depois, saía do sítio, e, apoiando suas mãos no imenso portão, olhando por seus vazados, dizia desta vez: "agora já morremos e estamos vendo o que foi nossa vida". Hilda Hilst tinha razão. Do portão, vê-se uma longa entrada, margeada por palmeiras muito altas e, ao fundo, uma casa rosada, altiva: ali ela viveu mais da metade de sua vida, na Casa do Sol, onde sempre, junto a seus visitantes, celebrou a Vida. "Te amo, Vida, líquida esteira onde me deito/ Romã baba alcaçuz, teu trançado rosado/ Salpicado de negro, de doçuras e iras." (versos de "Alcoólicas").

Naquela tarde de 4 de fevereiro, completando um ano de sua partida pelo caminho da eternidade, a Casa do Sol – que nas últimas décadas acolheu muitos jornalistas, pesquisadores e artistas, amigos e festas – recebeu o padre Erly Guillen para celebrar uma missa, organizada pelo escritor José Luis Mora Fuentes e pela jornalista e

atriz Ana Lúcia Vasconcelos, contando com o apoio da CPFL Cultura, de Campinas.¹

Eram quase 15 horas quando entramos pelo portão de ferro e avistamos ao fundo, na porta principal da casa, uma das pessoas que luta para preservar a memória de Hilda Hilst: Zé Luis. Ele vem em nossa direção. Quando chega perto, retiro os óculos escuros e ele me reconhece: faz um gesto de alegria com o rosto e as mãos, dizendo: sejam bem-vindos! Cumprimenta o poeta Leo Lobos, que me acompanha, e seguimos os três em direção à casa. Graças ao esforço de amigos, a Casa do Sol se transformará em breve na *Instituição Hilda Hilst - Casa do Sol Viva*, que pretende acolher residências artísticas e atividades culturais.²

Estando perto da casa, já se ouvia um quarteto de cordas cujos sons fluíam pelos ares do sítio, entre as árvores, interpretando Bach, Villa-Lobos e Carlos Gomes. Nesse ambiente mágico, encontramos a artista plástica Olga Bilenky e Ana Lúcia Vasconcelos, que saem pela porta principal e vêm nos receber. É um encontro de almas. A cada vez que encontramos Ana Lúcia, descobrimos novos laços de respeito e admiração. Naquele 4 de fevereiro fomos privilegiados pelas bênçãos da música e da Natureza – e pela presença da querida Hilda, que vive em cada objeto da casa, em todos os cantos do sítio, em cada palavra de sua obra e manuscritos.

Pouco antes de começar a missa, recebemos as bênçãos de Hilda Hilst na voz de Ana Lúcia Vasconcelos: "Não me procures ali /

¹ - CPFL: Companhia Paulista de Força e Luz.

² - Com o nome *Instituto Hilda Hilst – Centro de Estudos Casa do Sol* foi fundada, em 2004, a instituição idealizada por José Luis Mora Fuentes (1951-2009). Atualmente, tem como presidente Daniel Bilenky Mora Fuentes e se chama *Instituto Hilda Hilst*.

Onde os vivos visitam / Os chamados mortos. / Procura-me / Dentro das grandes águas / Nas praças / Num fogo coração / Entre cavalos, cães, / Nos arrozais, no arroio / Ou junto aos pássaros / Ou espelhada / Num outro alguém, / Subindo um duro caminho // Pedra, semente, sal / Passos da vida. / Procura-me ali./ Viva." (poema do livro *Da morte. Odes mínimas*)

A missa começou com palavras do padre Erly Guillen que nos surpreenderam: descobrimos um ser à frente do nosso tempo, como foi Hilda Hilst. Durante a missa, sob a figueira que ela amava tanto, a bênção maior foi da Natureza e do silêncio intercalado com os sons das cordas dos violinos. As palavras do padre estavam em sintonia com a personalidade de Hilda, amante da Vida e de todos os seres vivos. Hilda Hilst certamente ficou feliz com a homenagem de seus amigos, provavelmente assistiu à missa sentada em seu balanço sob a figueira. Comportou-se o tempo todo, mas, no final, como disse Mora Fuentes: "ela deve estar rindo de nós".

A figueira da Casa do Sol remete-nos à presença divina. Sob suas folhas, nos sentimos protegidos, em paz; diante de sua grandeza, talvez tenhamos medo. Aliás, toda a grandeza da casa, da vida e da obra de Hilda Hilst provoca medo. Porque Hilda Hilst, ao lado de Guimarães Rosa, é um gênio de nossas letras brasileiras, o que afirmou a professora e crítica Nelly Novaes Coelho em seu último curso de pós-graduação na Universidade de São Paulo (USP), em 1999.

Leo Lobos acredita que Hilda Hilst é uma personalidade sem precedentes na América Latina. Existiram poucas mulheres antes dela que assumissem com tanta firmeza um papel social de

igualdade com os homens. Só quem conhece em detalhes sua vida, seus amores e desamores pode compreender isso. Hilda levou tudo ao extremo: a linguagem, as paixões, o amor pelos animais, por exemplo. Chegou a ter quase 100 cachorros. Muitos ainda vivem na Casa do Sol. Alguns andam livremente pelo sítio; outros ficam no imenso canil. Alguns participaram da missa, junto com crianças, jovens e adultos, e, em seguida, do coquetel no pátio da casa: cães de vários portes esparramados pelo chão. Nesse pátio conheci a jornalista Carlota Cafiero, do *Correio Popular* de Campinas, cujos textos tenho lido ultimamente; atores de um grupo de teatro de Barão Geraldo, que têm encenado *Agda*, texto de Hilda Hilst; conheci a atriz Sabrina Greve, e Beatriz, que deixa de ser musa nas páginas de Dante para se transfigurar na atriz e poeta Beatriz Azevedo, amiga do querido Claudio Willer, que me enviara um abraço. Antes da missa, conheci Joaci Furtado, que representava a Editora Globo, e a mítica Inês Parada, a quem Hilda se referiu tantas vezes como grande amiga.

Na sala, Zé Luis, Ana Lúcia, Leo Lobos e eu sonhamos com o futuro: o dia 21 de abril, aniversário da Hilda, contará com o lançamento de um CD organizado por Zeca Baleiro, que musicalizou poemas de Hilda Hilst a serem cantados por vozes femininas (Rita Ribeiro, Verônica Sabino, Maria Bethânia, Jussara Silveira, Angela Ro Ro, Ná Ozzetti, Zélia Duncan, Olivia Byington, Monica Salmaso e Angela Maria). Comentamos sobre a chuva dos últimos dias em contraste com aquele sol maravilhoso de nossa tarde ao ar livre sob as árvores.

No finalzinho do dia, despedimo-nos os seis no portão de ferro da Casa do Sol: Hilda Hilst (em memória, sempre viva para nós), Zé

Luis e Olga, Ana Lúcia, Leo Lobos e eu. Prometemos nos encontrar em breve. Fechamos o dia com a mesma luz que nos acompanhou durante toda a tarde: o sol foi um presente a mais no dia 4 de fevereiro de 2005!

Cristiane Grando (FFLCH-Letras Francês/Português)